
Projeto de pesquisa para ler o mundo: Alfabetização de adultos - por uma experiência vivenciada

Greici Kelen Belloli Gonçalves¹

Jaqueline Camargo²

Lígia Maria Erthal Elibio³

Moneh Mariah Goulart⁴

Marlene Santos⁵

Cristiane Lumertz Klein Domingues⁶

Resumo: O artigo teve por base um estudo realizado no projeto de pesquisa intitulado “Para ler o mundo: alfabetização de adultos”, que acontece em uma instituição de ensino superior, em Cachoeirinha, teve seu início no ano de 2020, porém no ano de 2019 ele aconteceu em caráter de docência, através de um grupo de 08 alunos adultos, com idades em torno de 60 anos em média, em fase de alfabetização. Para realizar o estudo escolhemos uma pesquisa de cunho qualitativo realizada com alunos em fase de alfabetização. A pesquisa tinha como pergunta norteadora: um trabalho de alfabetização com sujeitos, que não se alfabetizaram no tempo regular da escola, durante um ano poderá promover avanços ao desenvolvimento? Também listamos alguns objetivos para o nosso trabalho: relatar como o aluno chegou ao projeto em seu desenvolvimento com a leitura e a escrita; descrever o trabalho pedagógico que foi realizado com os alunos durante o ano de 2019 e apontar as conquistas alcançadas pelos alunos durante esse ano. A coleta de dados aconteceu por meio de entrevistas, análise documental e ficha diagnóstica. De posse dos resultados podemos concluir que o grupo apresentou crescimentos significativos, especialmente com relação aos relacionamentos interpessoais, porque devagar foram criando confiança para conversar entre eles e com os professores do projeto. Quanto as aprendizagens de leitura e de escrita aconteceram alguns avanços no processo de alfabetização, alguns passaram a identificar muitas letras e outros conseguiram escrever pequenos textos.

Palavras-chave: Alfabetização; Jovens e Adultos; Desempenho.

¹ Centro Universitário Cesuca. Graduanda do curso de Pedagogia. E-mail: belloligreici@gmail.com

² Centro Universitário Cesuca. Graduanda do curso de Pedagogia. E-mail: jaquebelloli@gmail.com

³ Centro Universitário Cesuca. Graduanda do curso de Pedagogia. E-mail: ligia.erthalelibio@gmail.com

⁴ Centro Universitário Cesuca. Graduanda do curso de Pedagogia. E-mail: monehnirvana@hotmail.com

⁵ Centro Universitário Cesuca. Graduanda do curso de Pedagogia. E-mail: marl_e@hotmail.com

⁶ Centro Universitário Cesuca. Docente do curso de Pedagogia. E-mail:cristianedomingues@cesuca.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O relato aqui descrito faz parte do Projeto de pesquisa intitulado “Para ler o mundo: alfabetização de adultos”, que acontece em uma instituição de ensino superior, em Cachoeirinha, pertencente ao curso de Pedagogia, teve seu início no ano de 2020, porém no ano de 2019 ele aconteceu em caráter de docência, através de um grupo de 08 alunos adultos, com idades em torno de 60 anos em média, em fase de alfabetização. Para realizar o estudo escolhemos uma pesquisa de cunho qualitativo realizada com alunos em fase de alfabetização.

O que se pretende, nesse texto, é mostrar algumas conclusões decorrentes da pesquisa realizada no ano de 2020, a partir da prática ocorrida em 2019 acerca do desenvolvimento atingido por esse grupo de alunos que frequentaram as aulas de alfabetização, descrevendo como eles chegaram e concluíram o ano no desenvolvimento de suas aprendizagens.

A pesquisa realizada pelo grupo tinha como pergunta norteadora do trabalho: um trabalho de alfabetização com sujeitos, que não se alfabetizaram no tempo regular da escola, durante um ano poderá promover avanços ao desenvolvimento? Também listamos alguns objetivos para o nosso trabalho: relatar como o aluno chegou ao projeto de alfabetização de adultos em seu desenvolvimento com a leitura e a escrita; descrever o trabalho pedagógico que foi realizado com os alunos durante o ano de 2019 e apontar as conquistas alcançadas pelos alunos durante esse ano.

Para realizar a pesquisa organizamos uma tabela com os níveis de escrita e leitura dos alunos, bem como realizamos análises dos trabalhos realizados pelos alunos nas aulas de alfabetização e entrevistamos as duas estudantes do curso de Pedagogia, as mesmas que escrevem esse texto, que realizaram o trabalho docente no ano de 2019. Todos os resultados aqui apresentados foram analisados pelo grupo de pesquisa de 2020.

Ao chegar ao final da pesquisa podemos concluir que os alunos de alfabetização apresentaram crescimentos significativos, especialmente com relação aos relacionamentos interpessoais, porque devagar foram criando confiança para conversar entre eles e com os professores durante as aulas. Quanto as aprendizagens de leitura e de escrita aconteceram alguns avanços no processo de alfabetização, alguns passaram a identificar muitas letras e outros conseguiram escrever pequenos textos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 MUNDO LETRADO E O CAMINHO DA ALFABETIZAÇÃO

Denominamos por ambiente alfabetizador aquele que promove um conjunto de situações de usos reais de leitura e de escrita em que os sujeitos têm a oportunidade de participar, quando expostos à escrita em práticas de leitura e de escrita necessárias no cotidiano, isto é, dar às atividades uma função real de expressão e de comunicação. No ambiente escolar vemos a possibilidade de vivenciar muitas situações de comunicação, que necessitam da mediação da escrita. Essa atitude é muito importante, principalmente em comunidades pouco letradas onde os atos de ler e escrever são raros, a prática de trazer diversos textos para o ambiente escolar permite a ampliação do acesso ao mundo letrado e, conseqüentemente, uma reflexão sobre o processo de construção do código linguístico. A experiência com textos variados e de diferentes gêneros é fundamental para a constituição do ambiente alfabetizador.

Entendemos o ponto de partida do processo de alfabetização visto pelo prisma do texto, porque só ele tem significado, sendo que um texto não se define por sua extensão. Um nome, uma placa, uma lista, um recado, um romance, uma notícia são textos, pois todos apresentam uma função comunicativa. A intenção deve ser sempre apresentar textos contextualizados com uma função determinada na sociedade. A partir de um processo contextualizado de alfabetização o professor tem que observar o nível de escrita e de leitura dos alunos, com o objetivo de desafiar esse sujeito a superar a hipótese em que se encontra e avançar no caminho da alfabetização. Para isso, consideramos o caminho percorrido pelo aluno em fase de alfabetização em quatro níveis a conhecer:

Segundo Fernandes (2008), as principais características da hipótese pré-silábica são: falta de consciência de correspondência entre pensamento e palavra escrita; falta de correspondência entre grafema e fonema; impressão de que a ordem das letras não é importante; a impressão de que só se podem escrever substantivos, pois, eles têm significado; a ideia de que leitura e escrita só são possíveis se houver muitas letras (sempre mais de três) e letras diferentes e variadas; a crença de que letra ou símbolo não se repetem na mesma palavra. Por exemplo, é comum nessa fase dizer que para escrever **elefante** é preciso muitas letras, e, para escrever **formiguinha** precisa de poucas, isso porque a formiga é pequena. Segundo (WEISZ, 1990, p. 73): “[...] (hipótese pré-silábica), numa busca consistente da lógica do sistema, até descobrir - o que implica uma mudança violenta de critérios - que a escrita não representa o objeto a que se refere e sim o desenho sonoro do seu nome.”

Ao chegar ao nível silábico, segundo Fernandes (2008), a criança sente-se confiante, pois descobre que pode escrever com lógica, ela encontra as sílabas, e coloca um símbolo (letras), para cada pedaço. Essa noção pode acontecer com ou sem valor sonoro convencional. A criança pode, por exemplo, escrever **fita** assim: “**IA**” ou “**LX**”. Assim, o aluno acredita que resolveu o problema da escrita, mas a leitura continua problemática. As características da hipótese silábica são: possibilidade de convivência com hipótese de quantidade mínima de letras por um bom tempo; utilização de uma letra para cada palavra ao escrever uma frase; falta definição das características linguísticas (artigo, substantivo, verbo, etc); maior precisão na correspondência som/letra, o que não corresponde necessariamente sempre.

O nível silábico-alfabético é um nível intermediário, e mais uma vez um momento conflitante, pois o sujeito precisa restabelecer outra ordem de organização e não o que aprendeu no nível silábico, pois:

O período silábico-alfabético marca a transição entre os esquemas prévios em vias de serem abandonados e os esquemas futuros em vias de serem construídos. Quando a [...] descobre que a sílaba não pode ser considerada como unidade, mas que ela é, por sua vez, reanalisável em elementos menores, ingressa no último passo da compreensão do sistema socialmente estabelecido. (FERREIRO, 1985, p. 13-14).

Essa hipótese alfabética, ainda de acordo com Fernandes (2008), representa as seguintes características: compreende a lógica da base alfabética da escrita; conhecimento de todas ou grande parte das letras, juntando-as em sílabas para formarem palavras; distinção de letras, sílabas, palavras e frases, às vezes, contudo, não divide a frase convencionalmente, e sim de acordo com ritmo frasal. Esse é o momento do estudo ortográfico, pois:

[...] não podemos confundir “ter alcançado uma hipótese alfabética de escrita” com “estar alfabetizado”. A passagem da primeira condição à seguinte deverá ser, em nosso ponto de vista, o resultado de um cuidadoso processo de ensino-aprendizagem, agora não mais (ou principalmente) de aspectos conceituais do sistema alfabético, mas, sim, das convenções som-grafia [...] (MORAIS, 2012, p.65).

Conhecer os níveis de desenvolvimento de cada aluno permite ao professor elaborar um trabalho direcionado as especificidades de cada um, com um plano de aula com atividades adaptadas para cada nível, o que acontece igualmente para crianças, jovens e adultos, que passam pelos mesmos níveis. Lembrando sempre no processo de alfabetização o que diz Ferreiro (1985, p. 14): “[...] que alfabetizar não é decifrar códigos, sonorizar um texto e copiar formas. [...] mas, por trás da mão que pega um lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que ouvem, há uma pessoa que pensa.”

2.2 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS POSSUI SUAS ESPECIFICIDADES

A educação de jovens e adultos (EJA) é uma modalidade de ensino voltada para indivíduos que não tiveram acesso, por determinado motivo, a educação regular na idade adequada. Entretanto, são pessoas que têm uma cultura própria e veem a sua falta de estudo com preconceito, vergonha, discriminação, críticas dentre tantos outros estereótipos. Sabemos que o papel docente é de suma importância no processo de reingresso do aluno ao estudo, ou seja, na modalidade EJA.

A EJA deve ser tratada juntamente com outras políticas públicas e não isoladamente.

Mesmo reconhecendo a disposição do governo em estabelecer uma política ampla para EJA, especialistas apontam a desarticulação entre as ações de alfabetização e de EJA, questionando o tempo destinado à alfabetização e à questão da formação do educador. A prioridade concedida ao programa recoloca a educação de jovens e adultos no debate da agenda das políticas públicas, reafirmando, portanto, o direito constitucional ao ensino fundamental, independente da idade. Todavia, o direito à educação não se reduz à alfabetização. A experiência acumulada pela história da EJA nos permite reafirmar que intervenções breves e pontuais não garantem um domínio suficiente da leitura e da escrita. Além da necessária continuidade no ensino básico, é preciso articular as políticas de EJA a outras políticas. Afinal, o mito de que a alfabetização por si só promove o desenvolvimento social e pessoal há muito foi desfeito. Isolado, o processo de alfabetização não gera emprego, renda e saúde (VIEIRA, 2004, p. 85-86).

Embora, não havendo a continuidade dos programas ao longo dos tempos, a EJA fica sempre sendo buscada, com a finalidade de realmente admitir o acesso de todos à educação, independentemente da idade, em entidades com projetos sociais que realizam trabalhos voluntários, pensando na igualdade de oportunidades.

Para Freire (2002), a realidade do educando, leva em conta sempre suas experiências, suas opiniões e sua história de vida. Esses dados devem sempre ser organizados pelo educador, com o propósito de que todas as informações fornecidas por ele, o conteúdo preparado para as aulas, a sua metodologia e o seu material utilizado sejam sempre compatíveis e adequados às realidades presentes. Educador e seus educandos devem caminhar sempre juntos, interagindo durante todo o processo de alfabetização e considerando a trajetória de vida dos alunos. Segundo (FREIRE, 2002, p. 58) a relação professor-aluno deve ser:

Para ser um ato de conhecimento o processo de alfabetização de adultos demanda, entre educadores e educandos, uma relação de autêntico diálogo. Aquela em que os sujeitos do ato de conhecer (educador-educando; educando-educador) se encontram mediatizados pelo objeto a ser conhecido. Nesta perspectiva, portanto, os alfabetizandos assumem, desde o começo mesmo da ação, o papel de sujeitos criadores. Aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem.

Segundo Freire (2002), a dialogicidade é vista enquanto essência da educação como prática da liberdade, em um diálogo importante como uma expressão humana verdadeira resultante da práxis, enquanto o ato da criação que procura a conquista do mundo para a libertação dos homens.

Freire (2002) diz que só há diálogo com um denso amor ao mundo e aos homens, com humildade leal e mediante a fé no poder de inventar do homem, sendo assim um ato de criação e recriação, de coragem e de compromisso e assim como de valentia e liberdade. Deste modo, o diálogo faz-se numa afinidade horizontal fundamentada na confiança entre os sujeitos e na esperança modificada na concretização de uma procura eterna fundamentada no pensamento crítico. O diálogo vai desde o momento de buscar o conteúdo que seja dialógico, problematizador, não é uma doação, mas uma restituição organizada, sistematizada e legitimada pela relação com o outro. A educação legítima, nas palavras do autor, faz-se de “A com B, mediatizados pelo mundo (p. 84)”, incidindo a sua ação no fato de ser transformado com os homens.

3 METODOLOGIA

Como o próprio título já diz, esse projeto foi pensado para jovens e adultos, com o intuito de ajudar e ensinar pessoas que tem um grande interesse e vontade de aprender a ler e escrever, foi dessa maneira que nasceu o projeto de pesquisa “Para ler o mundo: alfabetização de adultos”. Ele acontece em uma instituição de ensino superior, em Cachoeirinha, teve seu início no ano de 2020, porém no ano de 2019 aconteceu em caráter de docência, através de um grupo de 08 alunos adultos, com idades em torno de 60 anos em média, em fase de alfabetização. As aulas eram realizadas duas vezes por semana, durante duas horas no período da tarde, em uma sala de aula da instituição de ensino superior, localizada em Cachoeirinha, pelo período de dois semestres letivos, no ano de 2019.

Para tanto, foi realizada uma pesquisa de cunho qualitativo, tal método estuda os fenômenos sociais e do comportamento humano, buscando explicações para a compreensão dos fenômenos humanos, crenças e valores, considerando o contexto em que está inserido, sociedade e as características. Segundo Minayo (2009, p.31), “A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”

Esse projeto buscou dados e informações sobre como ocorreu o trabalho com o grupo de oito alunos inscritos para o processo de alfabetização, bem como os resultados que os alunos atingiram ao final do processo de ensino e aprendizagem. Iremos fazer referência aos nomes dos alunos por meio de letras do alfabeto em maiúscula, a fim de preservar a identidade dos participantes da pesquisa.

A coleta de dados aconteceu através de entrevistas, análise documental e ficha diagnóstica. A ficha diagnóstica foi organizada por meio de uma tabela com os níveis de escrita e leitura dos alunos. Foi possível fazer o levantamento através das atividades realizadas pelos participantes da pesquisa e pelos depoimentos dados pelas estudantes do curso de Pedagogia, que ministravam as aulas na entrevista, que teve como pergunta estruturada: como aconteceram as aprendizagens dos alunos do projeto de alfabetização? Iremos mencionar essas alunas pelo nome de Professora, para não expor a identidade delas, mesmo estando duas como escritoras do artigo, preferimos manter a neutralidade, uma vez que elas continuam ministrando aulas remotas para os alunos em processo de alfabetização no projeto de pesquisa.

4 ANÁLISE DE DADOS

O projeto de alfabetização para jovens e adultos foi realizado por três alunas do curso de Pedagogia, que eram responsáveis pelas aulas e uma coordenadora. Conversando sobre as aulas dadas, durante a entrevista, podemos observar em que níveis de leitura e de escrita os oito alunos participantes se encontravam depois de um ano letivo de trabalho alfabetizador. Portanto, podemos notar na entrevista uma preocupação com a elaboração das aulas, ratificando o que nos diz Moraes: “[...] má apropriação da teoria da psicogênese [...] teriam levado à conclusão de que não era preciso ensinar, de modo sistemático e planejado, a escrita alfabética, porque os alunos espontaneamente a aprenderiam participando de práticas de leitura e produção de textos (2012, p.24).” Mas, ao contrário, notamos na fala delas o quanto acreditam na necessidade de planejar e sistematizar o processo de alfabetização em atividades diversificadas, atraentes e reflexivas.

Na entrevista a Professora disse: *“Durante o período de prática, procuramos enfatizar o processo de alfabetização diante das dificuldades trazidas pelos alunos, pois os mesmos chegaram até nós com o desejo de reconhecer as letras e suas pronúncias, assim como o desejo de ler e escrever, ressaltamos o pedido de uma aluna, que diferentemente dos seus colegas nunca foi um dia em sua vida a uma escola, quando chegou no projeto chorou pela emoção*

que sentiu e nos fez um pedido muito importante: após contar toda sua história solicitou que nós a ensinássemos a ler e escrever, pois não gostaria de deixar essa vida sem ter sua assinatura em sua carteira de identidade, porque a identificação dela nesse documento era através de sua digital.”

Nesse relato elas também comentaram que o trabalho realizado com os alunos do projeto não poderia ter a infantilização das atividades, e que elas não poderiam tratá-los como criança, essa era uma preocupação constante durante o planejamento, tendo em vista que falamos de um grupo específico, sujeitos que são adultos, que embora estejam em fase de alfabetização possuem conhecimentos prévios das suas experiências de vida, adquiridas no meio em que vivem e ao longo de suas vidas, e, são adultos.

Uma delas afirmou que para cumprirem um papel de qualidade com esse grupo foi necessário encarar esse sujeito como um construtor do seu conhecimento, pensando em um modelo de ensino mais flexível e conectado com a vida deles, por meio de um olhar mais sensível quanto às necessidades desses jovens e adultos, e a tudo que lhes é relevante foi considerado no planejamento. A prática pedagógica realizada com os alunos contemplava um atendimento de pequenos grupos, considerando as especificidades do trabalho que seria realizado, tentando aproximar as hipóteses que eles tinham sobre o processo de leitura e escrita que eram semelhantes.

Para concluir o ano com os alunos, a Professora relatou que em 2019 foi elaborada uma atividade diferenciada para que eles pudessem se sentir livres, com a proposta de uma releitura das pinturas da Tarcila do Amaral, mas antes do início do desenho nos quadros o grupo estudou a biografia da artista e suas pinturas. Depois, eles escolheram uma das imagens para reproduzir na tela, e, em seguida, começaram o trabalho, que foi difícil no início, pois eles tinham medo de fazer o desenho, de ficar feio, ou ficar longe do desenho original. As Professoras foram sempre incentivando a produção do desenho, *“que foi se desenvolvendo e ficaram releituras muito bem executadas na tela”*. *“O segundo passo seria colorir os desenhos, o que acabou por ser uma diversão pois eles nunca tinham usado tinta em quadro de verdade, foi gratificante ver a segurança deles em realizar a primeira atividade sozinhos e de maneira satisfatória.”* Os quadros foram expostos em uma mostra de trabalhos, bem como no corredor da faculdade, o que gerou muito orgulho nos alunos do projeto, conforme podemos ver um aluno do projeto realizando sua pintura na Imagem 1.

Imagem 1: aluna do projeto pintando



Fonte: acervo pessoal de uma Professora

Durante o início do trabalho no projeto, no ano de 2020 tivemos a oportunidade de aprofundar nossos estudos quanto as hipóteses de leitura e de escrita segundo a Psicogênese. Entendemos por Psicogênese os estudos desenvolvidos por Emília Ferreiro em sua tese de doutoramento referente aos níveis em que os sujeitos estão durante o processo de alfabetização, podendo afirmar que esses estudos são considerados como base de sustentação ao trabalho do professor alfabetizador.

A partir desses estudos o grupo pode refletir sobre as hipóteses de leitura e de escrita dos alunos, tentando mapear, a fim de conhecer a realidade da turma. Os oito alunos se organizaram nos quatro níveis: dois alunos pré-silábicos; dois alunos silábicos; 2 alunos silábicos alfabéticos e dois alunos alfabéticos. Conseguimos os seguintes resultados, a partir da análise do material escrito deles e da entrevista realizada:

O aluno A e B encontram-se no nível pré-silábico, demonstrando dificuldade para identificar as letras do alfabeto e sem conseguir escrever o próprio nome e os números. Os alunos C e D estão no nível silábico tentando fonetizar a escrita e dar valor sonoro para as sílabas, ainda com dificuldade para identificar os sons e, às vezes, escrevendo uma letra para uma determinada sílaba na escrita da palavra, ficando mais evidente a escrita das vogais, uma vez que o aluno nesse nível escuta mais fortemente o som delas. Ferreiro e Teberosky dizem que esse nível:

[...] consiste em que: a) se supera a etapa de uma correspondência global entre a forma escrita e a expressão oral atribuída, para passar a uma correspondência entre partes do texto (cada letra) e partes da expressão oral (recorte silábico do nome); mas, além disso, b) pela primeira vez a criança trabalha claramente com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala (1999, p.209).

Os alunos E e o F encontram-se no nível silábico-alfabético, pois foi possível perceber que a escrita deles representava o som da fala, fazendo algumas trocas ainda de letras na escrita e sendo capazes de realizar pequenas leituras termo a termo, ou seja, não global. O aluno G é

do nível alfabético porque consegue ler e escrever restando agora o estudo ortográfico com esse aluno. A aluna H já é alfabetizada, mas devido a apresentar alguns problemas de desenvolvimento psicomotor e cognitivo, ela acabava esquecendo o que sabia e, em seguida conseguia lembrar e assim sucessivamente.

A oralidade com esse grupo era muito difícil, uma vez que eles ficavam envergonhados de participar das conversas no grande grupo, por isso foi desenvolvido um trabalho com a área de psicologia. A Professora relata que durante os encontros eles se sentiam tímidos, acuados em participar das aulas: *notamos esse sentimento de medo e de vergonha e tivemos a ideia de convidar a psicóloga da instituição para realizar um trabalho de desinibição, o que ajudou muito na melhoria das relações interpessoais da turma.*

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os alunos se encontravam em processo de alfabetização, alguns reconheciam as letras usadas em seus nomes, mas não sabiam que letra era e nem o som que elas faziam, outros sabiam escrever palavras curtas, já outros estavam se aventurando a escrever pequenos textos e um aluno nem o seu nome sabia escrever. Ao longo do ano o trabalho foi desenvolvido por meio de atividades desafiadoras para que acontecesse o progresso dos alunos e podemos concluir que avanços aconteceram, porque quem chegou sem reconhecer as letras do nome, já era capaz de identificar algumas letras e alguns terminaram o ano escrevendo pequenas produções textuais, com melhoras significativas na ortografia.

Portanto, entendemos que as aulas tiveram muita importância, pois os alunos apresentaram crescimento, demonstrando sempre entusiasmo e o desejo de recuperar os anos em que foram privados de ler e de escrever em suas práticas sociais, alguns trabalham outros já trabalharam, mas todos sentiam a necessidade de tornarem-se sujeitos efetivamente alfabetizados. Dessa forma, este trabalho é finalizado sob a afirmação de que a Educação de Jovens e Adultos tem um papel muito admirável na sociedade, pois, por meio dessa modalidade, muitos sujeitos conseguem recuperar aquilo que lhes foi tirado ainda quando crianças/adolescentes: o direito à educação, direito que não deveria ser negado a ninguém. Encerramos salientando que todas as pessoas deveriam ter o direito a uma educação de qualidade, principalmente quando foram privados dela no tempo adequado, sendo respeitados pelos seres humanos que são, pelos conhecimentos de mundo que possuem, porque eles podem nos ensinar muito a partir da experiência de vida.

REFERÊNCIAS

- FERREIRO, E. Educação e Ciência. *Folha de S. Paulo*, 3 jun. 1985, p. 14.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999
- FERNANDES, Maria. *Os segredos da alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- MORAIS, A. G. *Sistema de escrita alfabética*. São Paulo: Melhoramentos, 2012.
- VIEIRA, Maria Clarisse. *Fundamentos históricos, políticos e sociais da educação de jovens e adultos – Volume I: aspectos históricos da educação de jovens e adultos no Brasil*. Universidade de Brasília, Brasília, 2004.
- WEISZ, T. Como se aprende a ler e a escrever ou prontidão um problema mal resolvido. In: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. COORDENADORIA DE ESTUDOS E NORMAS PEDAGÓGICAS. *Ciclo Básico*. São Paulo: SE/CENP, 1988.